



RelevO

PARANÁ - NOVEMBRO DE 2014

EDIÇÃO V - ANO V

Gilberto Marques

- Fernanda Fatureto* Interior/Cerrado **05**
- Ana Luiza Gonçalves* Isabela **07**
- Herlon Fernando Gomes* Fogo-fátuo **09**
- Ricardo Pozzo* Teto e alimento **11**
- Victor Prado* Ecdise **13**
- Guia oficial do Halloween
(do ano que vem) **16**
- Diego Marcell* Esperando uma Laranja Utópica
em mil novecentos e dois mil e quatorze **19**
- Fabio Breinack* Transformação **21**
- Mandi Coelho* Se até os passarinhos se amam... **26**
- Renato Ostrowski* Necropsia **28**
- Ademir Demarchi* Cinerário **30**
- Fernando Koproski* Não se fazem mais
poetas como antigamente **32**
- 06** *Diego Moraes*
- 08** Sete dias seguintes *Giovani Kurz*
- 10** Mea culpa? *Josette Garcia*
- 12** O olhar de Mariana XIII *Mariana Caetano*
- 14** Porn/A Man *Dorothea Lasky (trad. Rubens A. Kuana)*
- 18** *João Debs*
- 20** Flores amarelas *Munique Duarte*
- 22** O pássaro azul do rei da cidade de pedra *Costa Neto*
- 27** Vislumbres da festa pagã na aldeia de
Aldebarã *Márcio Davie Claudino*
- 29** Cenas Urbanas *Daniel Zanella*
- 31** Terra Incógnita *Daniel Osiecki*

Expediente

Fundado em setembro de 2010.

Editor Daniel Zanella **Editor-Assistente**
Ricardo Pozzo **Revisão** Mateus Ribeirete
Ombudsman Whisner Fraga **Projeto**
Gráfico Marcell Mengarda **Impressão**
Gráfica Exceuni **Tiragem** 3000.

Edição finalizada em 5 de novembro de 2014.

Ilustrações

Todas as ilustrações dessa edição são de autoria do curitibano
Gilberto Marques – gilmorretes@gmail.com

Contato

@ jornalrelevo@gmail.com

 /jornalrelevo

 /jornal.relevo

Editorial

O crítico literário Northrop Frye dizia, em *Anatomia da Crítica*, do esforço em fazer do exercício de crítica literária um ato para além do gesto e do achismo, na procura por estabelecimento claro de critérios.

“A matéria da crítica literária é uma arte, e a crítica evidentemente é também uma espécie de arte. Isto soa como se a crítica fosse uma forma parasitária de literatura, uma arte baseada em outra arte preexistente, uma cópia de segunda mão do poder criador. Para essa teoria, os críticos são intelectuais que gostam de arte, mas aos quais falta tanto o poder de produzi-las quanto o dinheiro para serem patronos, e assim formam uma classe de revendedores de cultura, que a distribuem para a sociedade com lucro para si mesmos, ao explorar o artista e aumentar a carga sobre o público deste. A concepção de crítico como parasita ou artista manqué ainda é muito popular, especialmente entre artistas.”

De um ano pra cá, o **Relevo** tem buscado aumentar o espaço para a crítica literária com o propósito de ampliar o pensamento sobre a produção contemporânea – de certo modo, o Ombudsman também opera nessa frequência no âmbito gerencial. O serviço de *Cartas do Leitor*, instituído a partir deste mês, amplia a reflexão.

Para tanto, estabelecer critérios é necessário, mas algo que não cabe exatamente ao editor, embora lhe seja cabível argumentar com os críticos acerca de determinados conteúdos de teor discriminatório – o que nunca foi preciso.

Também carecemos de mais vozes lendo o que os autores paranaenses produzem, para que da procissão de resenhas saiam novos leitores: a razão básica do processo literário como um todo.

Uma boa leitura a todos
Daniel Zanella

Cartas do Leitor

Venha, use este espaço para enviar suas opiniões sobre nossos textos, ilustrações, fotografias, erros e acertos. Como é de praxe, não publicaremos acusações insultuosas – exceto contra o revisor –, nem mensagens que contenham qualquer tipo de conteúdo discriminatório – isso vale também para críticas acerca de textos fofos de escritoras de vinte anos. Somos muito sensíveis. Também nos colocamos na condição de editar o conteúdo das cartas por conta das limitações de espaço.

Opine: jornalrelevo@gmail.com

PRESTAÇÃO DE CONTAS DE OUTUBRO DE 2014

Anunciantes

R\$ 30 – Nova Mania (total R\$30).
R\$ 50 – Joaquim; Avon; Fisk; Pino; Calceaki; Pão & Vinho; Água na Boca; Marcio Renato dos Santos; Distribuidora Acquamille; Defenestrando (total R\$ 500).
R\$ 100 – Toda Letra; Magia do Pão (total R\$ 200).

Assinantes

R\$ 100 – Sieglinda Zanella; Victor Arendt; Samatha Beduschi.
R\$ 50 – Bruno Meirinho; Keila Dozoretz; Paulino Junior; Andréia Gavita; Pedro Spigolon; Isabel Furini (total R\$600).

Despesas

Correios **R\$ 320** / Distribuição **R\$ 60** / Papelaria **R\$ 60** / Impressão **R\$ 1.090**

Receita **R\$1.330**

Custo total **R\$1.530**

Balanço **R\$ -200**

Ei, você! (é, você mesmo!)

ANUNCIE NO RELEVO!!!

entre em contato:
jornalrelevo@gmail.com



Ombudsman Whisner Fraga

O ombudsman, os leitores e o medo

Quando fui convidado, há alguns meses, a assumir o posto de ombudsman de um jornal literário, achei que havia algo conceitualmente deslocado. Isso porque os suplementos alternativos (e literatura é algo bem alternativo no Brasil) têm uma capacidade impressionante de assimilar críticas e de se adaptar. Então, o trabalho de um Ombudsman seria praticamente apontar falhas para que o periódico tratasse de consertá-las. Sim, ótimo, acho que é um trabalho necessário (e útil), para todos.

Registrado isto, solicitei, esta semana, ao editor do **Relevo** que me mantivesse no cargo por mais três meses. Ainda há algo a ser feito. E, no decorrer dos três textos que me restam, evidenciarei algumas outras mudanças que, julgo, devam ser consideradas pelos editores. Não sei se perceberam, mas estou tentando reconfigurar, adaptar a função de Ombudsman a um jornal literário.

Vamos às mensagens recebidas. Em minha primeira contribuição, há mais de três meses, deixei meu e-mail à disposição dos leitores. Ninguém me escreveu. Enviai recados eletrônicos ao endereço do jornal e pedem anonimato, principalmente quando as críticas são mais pesadas. O motivo é simples. Existe um sistema de apadrinhamento vigente na literatura brasileira, que nem sempre é benéfico para a arte em si, mas é bastante oportuno para os escritores. Este sistema, em suas regras tácitas, impede que se fale mal explicitamente da obra, ou do que quer que seja, de um colega. Quero dizer que, quando se reúnem em bares, artistas costumam descer a lenha em tudo e em todos, principalmente nos desafetos, mas colocar isso no papel é algo impensável.

Assim, provavelmente estes seis meses em que desempenharei meu papel de Ombudsman trarão mais alguns membros para minha lista de oponentes. É normal. Vejam bem: não quero inimigos, nem opositores, mas sei que os terei. Sabendo que o maior nome da literatura brasileira adulta contemporânea vende em média dois mil livros de seu último lançamento, descobriremos que é bobagem não querer explicitar nosso ponto de vista. Neste cenário, isso só piorará as coisas: falem mal, mas falem de mim.

Esse preâmbulo todo é para defender que o jornal precisa de um “Espaço do Leitor”. Assinantes e público em geral certamente quererão manifestar sua opinião sobre algum texto, sua admiração por algum compadre, seu maravilhamento diante de alguma fotografia ou pintura e assim por diante. Nada mais democrático do que uma assinatura embaixo de um comentário.

Apesar de certas rugas que minhas considerações têm causado, corajosamente os editores deste jornal decidiram me manter mais um tempo à frente dessa coluna. Provavelmente perderam anunciantes, assinantes e amigos. Torno a enfatizar que não entrarei nos meandros dos textos publicados, pois creio que minha tarefa não é a de crítico literário. Poderia desempenhá-la razoavelmente bem, já que tenho certa experiência no métier, mas não vejo como parte das funções de um Ombudsman. Em linhas gerais, entretanto, percebo que o **Relevo** tem tentado (algumas vezes sem sucesso) priorizar vanguardas. Tenho certeza de que o caminho é esse mesmo. Todavia, concretamente, há muita vontade, muito esforço e pouco resultado. O jornal tem publicado muitos textos razoáveis, alguns bons e pouquíssimos ótimos.

De qualquer maneira, gostaria de acrescentar que a arte requer coragem. É quase um pré-requisito para se alcançar algo de qualidade. Nenhum artista pode ter medo de ousar, de se sujar com a própria indignidade. Como comentei em um dos parágrafos anteriores, o artista é aquele que não se envergonha ao assinar a própria obra. Gostaria que refletissem sobre isso. Neste meio tempo, quem quiser entrar em contato comigo, meu e-mail é wf@whisnerfraga.com.br.

*Nota do editor: A partir de dezembro, abriremos oficialmente a seção **Cartas do Leitor**. Nesta edição, na p. 3, os critérios de publicação.*



EXATO
CENTRO EDUCACIONAL

Pré-vestibular e Enem - Ensino Superior Curso Técnico
Preparatório - Graduação Pós-Graduação
Aprendizagem Empresarial e Industrial

Fone: (41) **3552-1542 / 3552-5895**

Av. Dr. Victor do Amaral, 1020, 2º andar - Centro - Araucária | www.exatoeducacional.com.br | exato_cursos@brturbo.com.br



Fernanda Fatureto

Interior

Ouvir um riso seco
Espalhar-se pela sala em que se espera
por abrigo.
Que vem de dentro – espanto e soluço –
da infância.

Seria arremessar um gesto pro universo
Considerar soluções improváveis
que desestabilizam a noção de espaço.

Cavar no interior do choro
esperança provável;
um risco qualquer.
E o aborto do sonho,
já adormecido,
como espasmo.

Bruma e tempo,
o que se aguarda
entre intervalos de respiração.
Vida
latente
que não para de nascer.

Cerrado

Deter o campo árido
em jornadas cuja
lembança era (ainda é) o riso seco
de lábios
pários.

Sobre a seca revestida
Agrária
Um corpo rente à terra batida
Poeira nos pulmões,
a tosse,
ventre em torso que rumina
o filho parido –
Ódio travestido em amor.

Ainda pesa esse mesmo corpo
que expele sem esperança
grito áspero
Inerte no silêncio.
E pó.

1

Quando um amigo morre
Parece que um bar fecha dentro da gente.

2

acaba o amor
e fica aquele chevette
com prego de gasolina
congestionando
a principal avenida
do coração.

3

tatuar teu corpo
com poemas
fazer do teu peitoral
um manicômio
para doente mental
descansar a cabeça
confusa de delíricos.

4

quando eu era criança
o mal morava em mim
escrevia "acidente" com giz no asfalto
e caminhões tombavam.
Toda criança é profeta.

5

Eu sou o rio que afogou Jeff Buckley
o cinto que estragou a punheta de David Carradine
o gás de cozinha que engasgou Sylvia Plath
o tiro de carabina que atravessou a boca de Hemingway
o cogumelo mofado que Roberto Piva comeu na Bolívia
o barzinho que Bukowski faliu em Los Angeles
Eu sou o câncer que amputou a perna de Rimbaud.

Diego Moraes

6

a fotografia 3x4 da filha na carteira
conforta mais que a fé em Jesus
antes do sequestro relâmpago.

7

A única função do amor
é virar pagode na voz do Péricles
do Exalta Samba.

8

Discar um número qualquer
Esperando que uma desconhecida
Declame Drummond e me peça em casamento.
Passar a quinta marcha e ligar o rádio
Esperando que uma música romântica
Mate-me do coração.

9

Poeta é o cara que aumenta o buraco da solidão enterrada no seu peito. O agrimensor do seu castelo de areia. O limpador de janelas do seu prédio de saudades. O fazendeiro da sua plantação de ilusões. O monstro que decifra a natureza de suas mágoas ocultas entrando num bar ou saindo da última sessão de cinema. Aquele cara que imortaliza com sangue-crepúsculo o instante que você sorriu na sorveteria de um sábado. O cara que tira Xerox da sua alma e molda na página de um livro que ninguém dará a mínima na última prateleira de um sebo de São Paulo.

10

ando tão sensível
que ontem toquei a mão
no peito e a rádio que toca blues
saiu do ar.

Gilberto Marques



ISABELA

Ana Luiza Gonçalves

eu queria agora
 alguém para conversar ou para
 sem querer rasgar uns papéis
 velhos que eu guardo na gaveta do
 meio da cômoda assim como você fazia ou
 só para pegar um copo d'água
 mas que assim como você tomasse
 a metade dele no caminho
 entre a cozinha e o quarto
 onde eu esperaria vestido
 de bermuda de ficar em casa
 e meias de ficar em casa
 mas você sabe como são
 essas coisas e aí eu
 olho para essa sua foto que
 fica em cima dessa mesma
 cômoda onde ficam os mesmos papéis
 velhos na gaveta do meio e respiro
 desconsolado por saber que
 esse é o lugar mais perto
 que você pode estar de mim hoje

Sete dias seguintes

Giovani Kurz

I.

um aceno púrpura brilha na boca do céu: é o sol sob os olhos
de quem não o conhece: é a lua que ilumina, rasa, o céu de sua boca.

II.

te encontro
entre o fim e o começo
dessa ilusão perene, em algum momento psicotrópico escarlate, sob algum
tapete persa, entre a poeira de
uma meia-noite de agosto e qualquer emoção controversa.

III.

a linguagem dos dias
é feita de silêncios calculados, de rezas pontuais, de diálogos, de monólogos.
somos, tu e eu, efêmeros, somos pensamentos,
ilusões rasas, bocas escuras.

IV.

atrassemos o crepúsculo
com os braços e abraços condenados, perene contagem regressiva.
então se fará silêncio do som
do sonho, da projeção, do objeto.

V.

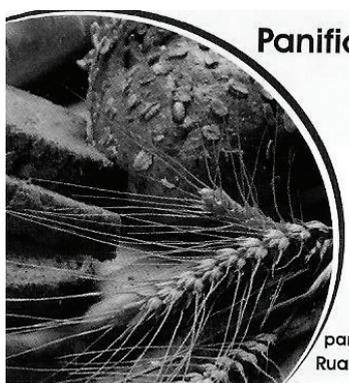
os poemas de quinta-
feira são os mais belos:
são feitos de silêncio
e de saudade, pois
de amor já não se faz poesia.

VI.

um floco de neve pousa
no ar exalado de um sepulcro abandonado: um beijo quase insano povoa,
vai e volta, trêmulo na memória atrofiada do velho jogador de bilhar.

VII.

e foram tantos os dias,
os versos, tantas
estações esquecidas, ultrapassadas, tantos amores doidos,
doidos, milhares de lampejos
no breu de sob as cobertas.



Panificadora e Confeitaria

*Água
na Boca*

3642-9376

panificadoraaguaboca@hotmail.com.br
Rua Pedro Druszc, 122 - Centro - Araucária



Jucélia

(41) 3031-2357
(41) 9663-7557

AVON

the company for women

fogo-fátuo

Herlon Fernando Gomes

As paredes me assombram com o eco de tuas palavras,
 O chão está coberto da areia dos teus sapatos
 E eu tenho medo e preguiça de varrer o que restou de ti.
 Os lençóis me iludem com o teu cheiro natural,
 E a cama nunca foi tão grande e insone.
 Meu corpo está marcado por teus beijos e carícias,
 Arrepio-me quando me toco ao lembrar nosso ritual de amor.

O relógio se cansa para calcular o tempo que nos separa,
 É preferível contemplar as estrelas
 A medir florestas e desertos que nos distanciam.
 Ainda assim, é tudo tão vivo de presente,
 É tudo tão doce e palpável
 Que esse futuro adiado me anima,
 Esse destino de degredo não me desola.
 Eu me cubro de esperanças,
 Aceito viver de lembranças
 E me acorrento aos fantasmas que restaram de ti.

REVISTARIA NOVA MANIA

OFERECEMOS

- Diversas Revistas
- Jornais
- Recarga de Celular
- Doces
- Refrigerantes
- Sorvetes

NOVIDADE:
Parceria com
Livrarias Curitiba.



 **REVISTARIA NOVA MANIA**  Curta Nossa Página

Av. Doutor Victor Ferreira do Amaral, 903 - Centro - Araucária - PR
 Próx. Ao Cavalo Baio 3031-6691

Mea culpa?

Josette Garcia



Gilberto Marques

mil contrições, auto flagelo
sangrem-me as carnes
em desfiados rosários
ao fio dos açoites

profanei altar mor
de semideus qualquer
numa dessas noites

creio calquei o tapete do altar
[alter] ego a finos saltos sem grife

ou embebei-me com gafe
no santo tilintante grau
de tal magna ceia

sinto! ... e receio
tenha eu tomado
todo restante absinto
num mergulho cego
em hora de recreio

quem sabe tenha eu
quebrado a taça
de cristal, depois...
- e tenha sido
com os pés

descalça - *quizás* -
tenha sangrado
depois mergulhado
nos braços de Morfeu
e morrido eternamente
dum beijo envenenado

punam-me com os raios!
queimem-me a língua!
calem-me a voz!
- até consinto! -

... a tais estranhos seres
com seus superpoderes
de deuses do olimpo.

Gilberto Marques



TETO E ALIMENTO

Ricardo Pozzo

Se o Demo rema o redemoinho, Àquele que está sentado à direita do Santo Espírito e à esquerda do Filho, a tudo espreita.

Homero, Virgílio, Dante são para quem garantiu o teto e o alimento do mês. Portanto, Cultura pra mim, é você dividir um dos dois pães que comprou com as míseras moedas do bolso. Arte é ver o sorriso nos olhos do menino.

Digo, neste sertão cujo chão é petit pavê, nestas veredas madrugueiras, forte é o homem que detêm na retidão da palavra sua única arma. Um lobo a menos para devorar a cria, mas, que ao invés, age para o bem da matilha.



Mariana Caetano

O olhar de Mariana XIII



Gilberto Marques

Mariana engole remédios
 como engole meu sexo.
 Ela berra tristezas e ninguém ouve.
 Desculpa, mas hoje não temos tempo.
 Olha o relógio. Esquece das horas.
 Desmarca compromissos. Volta pra cama.
 E vira pro lado e vira de bruços e vira pra cima
 e ensaia uma pose no caixão.
 Abre os olhos e ninguém – de novo – te visita.
 Por isso, conversa tanto com a morte.
 Ninguém veio no seu velório, Mariana.
 Ninguém veio se despedir.
 Boas-vindas: acena a morte.
 Escapam-lhe algumas lágrimas dos olhos abertos
 que não fecham mais.
 Sabe que vai ser sempre assim,
 mas despreza a previsão de mais um dia morto.
 Todos os dias levanta da cama
 vai até o interruptor e apaga o que viveu.
 No breu, vai à despensa e dispensa o amor
 numa vasilha qualquer.
 Ali, o que eu te dei se mistura com a comida que eu faço
 com os ratos que passam
 com os pombos que voam.
 Em cima do criado-mudo, Mariana,
 eu te deixei poesias.
 Leia antes de partir
 meu coração.

1 em milagres faria intervenções
transformaria as perdas
em pedras palpáveis e membros fantasmas
em ambiguidades
e logo cada caminho seria recrutado por determinismos
na época das moscas e aranhas

de observadores são os muros e os matos
de barulhos embrulhados permanece o ar
cada criança corre sua vida
e se apressa no desmanchar do casulo
em desfazer seu ninho
no deslembrar de seu nicho
mas
os lobos guardam
caminham calmos
os lobos sabem empacotar vontades

2 montanhas não existem por aqui
os rios cortam mais que lâminas
tu não és peixe nem anfíbio nem réptil
e esse teu coração pulsa nas mãos
pula
teu coração pula
dele saem regatos por teu pulso

o centro de tudo é consequência
por isso generalizações se formam

Ecdise

Victor Prado

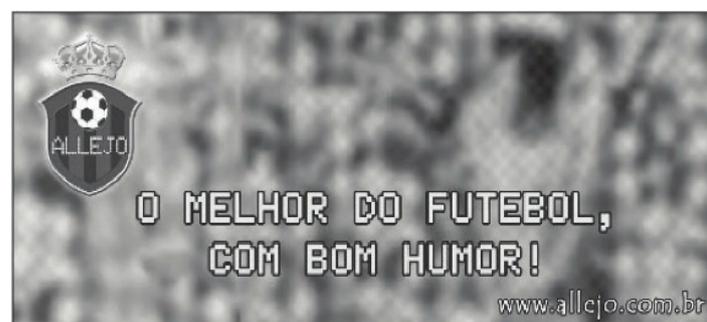
3 os quero-queros não representam anseios
mas insistem
não me representam
não insisto

na pressa os pés
e o leite
choramos a dor e o derramado
no chão as coisas estão no mesmo plano
mas existem coisas que não são coisas
assim como aqueles regatos insistem em sair por teu pulso

as horas veiam a presença
e embrulham o dia com jornais antigos
cozinham a existência em etileno

4 na minha continuidade as pausas são necessárias
pra remontar céus azuis de dias regulares
pra que o fio da meada não me perca

nas presas achamos pares
principalmente quando elas retiram suas fantasias.



Pornografia

Todos os tipos de pornografia são terríveis
Eu acabo de assistir uma mulher foder um empregado
Em sua cozinha de mármore enquanto seus amigos
fitavam

O título do filme era Festa Divorcial
E entre seu grande pênis, suas coxas magras
Seus amigos gritaram, Naã garota, agora você está livre

Mas não ela não está ela está em um filme
E agora eu estou chorando
Porque o homem parecia um ex-namorado
Ou meu meio irmão
Meu chefe
Um monstro
Alguém que me deixou no escuro
Alguém que me assombrou
Um milhão de vezes

Eu fodi apenas 7 caras em minha vida inteira
Mas eu assisti mais pornografia do que você
Horas e horas
Uma mulher e um cão
Três mulheres
Uma fruta peluda
Quatro inclinando-se para trás
Vomitando sexo
As preliminares
Amplexas
Em movimento

Eu assisto pornografia
Porque nunca irei me apaixonar
Exceto por você querido leitor
Que pensa que eu me rendo
Mas que diz que esta estrofe não é pornográfica

Calculada e dolorosa
Todos meus amigos dizem que sou livre
E sim, talvez eu seja
Mas você é livre
Não, você nunca será
Eu tenho você ao meu alcance
Eu tenho você bem aqui no meu quarto
Mais uma vez

Porn

*All types of porn are horrific
I just watched a woman fuck a hired hand
In her marble kitchen while her friends looked on
The title of the movie was Divorce Party
And throughout his big cock, her skinny thighs
Her friends shouted, Nah girl, now you're free*

*But no she's not she's in a movie
And now I am crying
Because the man looks like an ex-boyfriend
Or my half brother
My boss
A monster
Someone who left me in the dark
Someone who darkened me
A million times over*

*I've only fucked 7 guys in my whole life
But I've watched more porn than you ever will
Hours and hours
A woman and a dog
Three women
A hairy fruit
Four bending over backwards
Vomit sex
The underplay
Of tendril
In motion*

*I watch porn
Cause I'll never be in love
Except with you dear reader
Who thinks I surrender
But who's to say this stanza is not porn*

*Calculated and hurtful
All my friends say I'm free
And yes, maybe I am
But are you free
No, you'll never be
I've got you in my grasp
I've got you right here in my room
Once again*

Um Homem

Hoje enquanto caminhava
 Um homem contou-me enquanto passava
 Que eu era uma vadia branca (ele era branco)
 E para não encará-lo
 Caso contrário ele iria "foder o meu rabo"
 Eu me afastei
 Quem pode dizer
 Eu acho que sou uma vadia branca
 Minha bunda é grande
 Mas eu acredito que o meu cu é pequeno
 Esta violência que colocamos sobre as mulheres
 Eu não acho isto louco
 Alguém que conheço disse
 "Ah, aquele homem era louco"
 Eu não acho que ele era louco
 Talvez ele pudesse dizer que eu possuía um olhar
 Que não era mais louco
 Talvez ele sentisse o meu sangue frio e selvagem
 E isto o assustou
 E ele se encolheu de medo
 Talvez ele soubesse que eu era igual a ele
 Mas que nasci com esses olhos e feições gentis
 Privilégios econômicos
 E que tal o dia em que eu parti
 O que aconteceu então
 Ainda assim estou feliz com o que ele disse
 Ainda assim estou feliz com a sua crueldade
 Que olho amargo sabia que eu tinha uma voz
 Para dizer o que homens fizeram comigo
 Que tipo de vento rude soprou através de minha mente
 Para me fazer falar pelos miseráveis
 Para falar miseravelmente sobre os feios
 Para tornar meu próprio rosto simples e feio
 Contorcer este simples sorriso em uma assustadora canção

A Man

*Today when I was walking
 I had a man tell me as he passed
 That I was a white bitch (he was white)
 And to not look at him
 Or he was going to 'fuck me in my little butthole'
 I wandered away
 Who is to say
 I think I am a white bitch
 My butt is big
 But I believe my butthole is little
 This violence that we put on women
 I don't think it's crazy
 Someone I know said
 'Oh, that man was crazy'
 I don't think he was crazy
 Maybe he could tell I had a look in my eye
 That wasn't crazy anymore
 Maybe he could feel the wild cool blood in me
 And it frightened him
 And he lashed out in fear
 Maybe he knew I was the same as him
 But had been born with this kind face and eyes
 Doughlike appurtenances
 What about the day I left
 What happened then
 Still I'm glad he said that to me
 Still I'm glad he was so cruel to me
 What bitter eye knew I had a voice
 To say what men have done to me
 What unkind wind has blown thru my brain
 To make me speak for the wretched
 To speak wretchedly about the ugly
 To make my own face ugly and simple
 To contort this simple smile into a haunting song*

Dorothea Lasky é uma poeta norte-americana, nasceu e cresceu em St. Louis, Missouri, em 1978. Formou-se em Estudos Clássicos e Psicologia na Universidade de Washington e mestrou-se em Poesia na Universidade de Massachussets Amherst. Publicou três coleções de poesia através da editora Wave Books: *AWE* (2007), *Black Life* (2010) e *Thunderbird* (2012). Atualmente leciona na Universidade de Columbia.

GUIA OFICIAL DO HALLOWEEN (DO ANO QUE VEM)

Dia 31 de outubro foi Dias das Bruxas em alguns países anglófonos e na internet. Sendo assim, como aquela sensação de só pensar no melhor argumento depois da discussão, sugerimos uma lista de fantasias para eventuais festas temáticas – quem sabe no Dia das Bruxas de 2015. O **Jornal RelevO** não se responsabiliza por celebrações de Halloween.

Fantasia de Acre às 19h30
de Você Sabe Quando

Fantasia de Indo
pra Miami

Fantasia de Jean Wyllys
no primeiro turno

Fantasia de Jean Wyllys
no segundo turno

Fantasia de Twitter
do Danilo Gentili

Fantasia de Boatos De Morte
Daquele Doleiro Lá

Fantasia de Doleiros
Em Geral

Fantasia de g0y

Fantasia de Ciências
sem Fronteiras

Fantasia de Rodrigo
Constantino

Fantasia de Esquerda
de Verdade

Fantasia de Bolsonaro
levando fora do Aécio

Fantasia de Não sou
preconceituoso Mas

Fantasia de Bíblia da
terceira via

Fantasia de Protestos
de Junho

Fantasia de Não sou
PT nem PSDB

Fantasia de O País
Está Rachado Dizem
Os Especialistas

Fantasia de Alternância
De Poder

Fantasia de afirma
Lindsay Lohan

Fantasia de hashtag
qualquer coisa

Fantasia de Aldo Rebelo
repudiando Halloween

Fantasia de Pênis de
Rasputin em conserva

Fantasia de jogador de vôlei
sem Bom Senso F.C.

Fantasia de Olha Só Mais
Um Filme De Super-Herói

Fantasia de Game Boy
Fernando Collor

Fantasia de Aposentadoria
do Alex

Fantasia de eleitor
de Eduardo Jorge

Fantasia de gigante
acordando

Fantasia de Intervenção
Militar

Fantasia de show do Foster
The People em Itaiópolis

Fantasia de Carlinhos
Brown no Rock'n Rio

Fantasia de Roberto Carlos
jogador fantasiado de Roberto
Carlos cantor batendo falta
com perna biônica

Fantasia de Piada
Sobre o Lobão

Fantasia de Tadeu Schmidt

Fantasia de Carlinhos
Brown com Caxirola

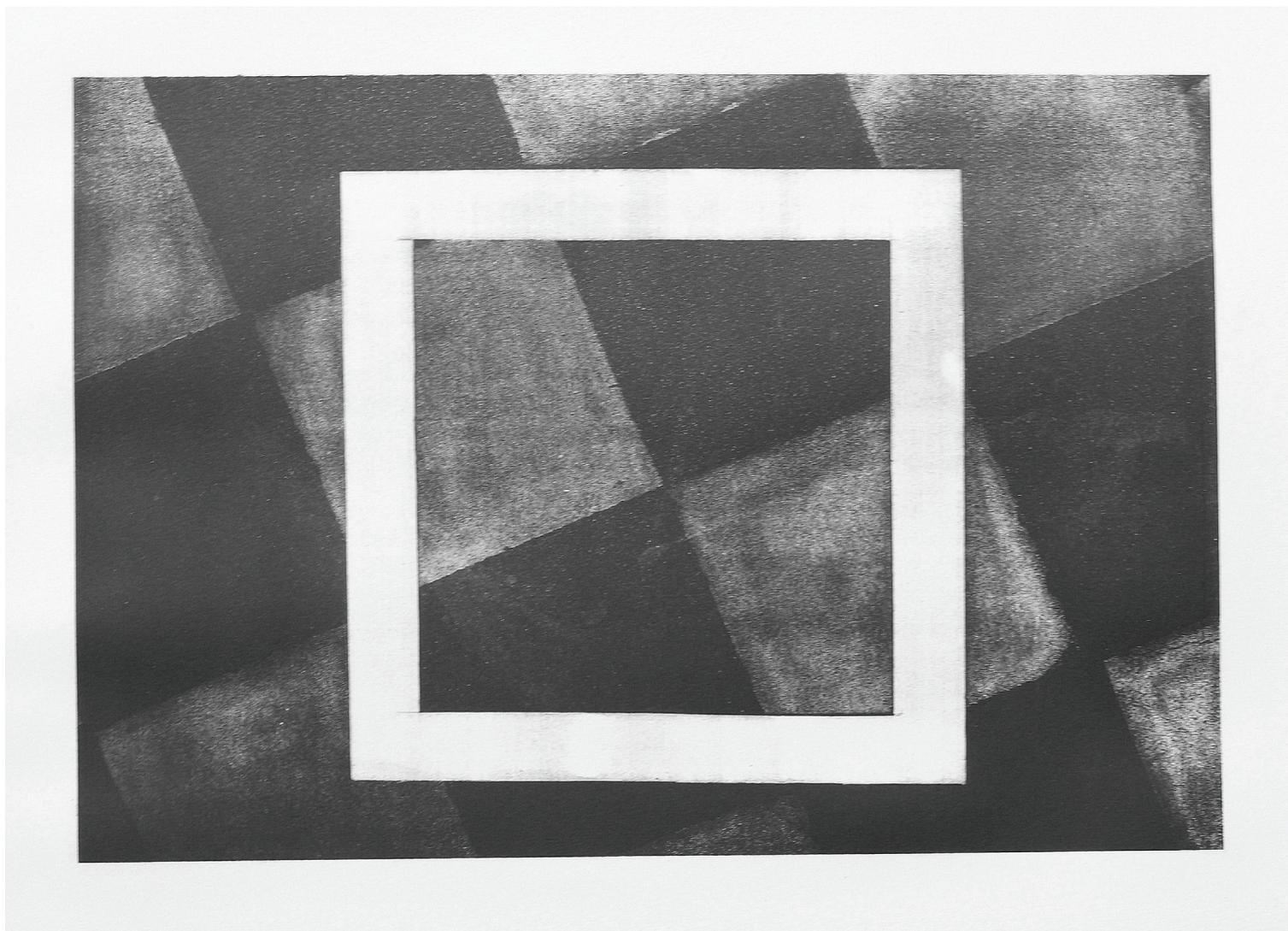
Fantasia de Catador de Neve
do Esqueceram de Mim

Fantasia de fã da Mallu
Magalhães no Altas
Horas em 2008

Fantasia de Dado Dolabella
no programa do João Gordo

Fantasia de Ronaldo tendo
convulsão em 98

Fantasia de Futuro da
Vila Capanema



LINHA estrutura DOBRA tênue TANGENTE aparente PAUSA

.....

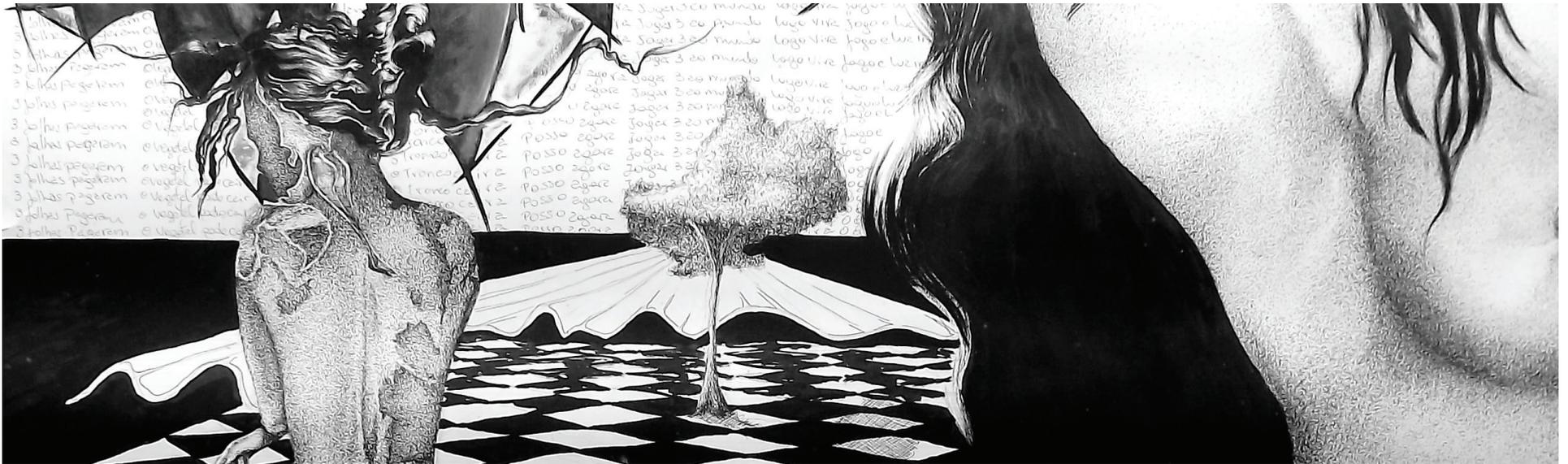
MEIO
 outro
 entre
 algum
 AUSENTE

.....

mínimo
 imenso
 plano
 fluido
 MÍNIMO
 IMENSO

Diego Marcell

Esperando uma Laranja Utópica em mil novecentos e dois mil e quatorze



Gilberto Marques

Naquele domingo que li *Esperando Godot* percebi que preferia esperar O Rinoceronte, este menos metafísico e mais humano que o outro e filho do pouco conhecido Leviatã condiz mais com este lado do mundo onde arte e política exercem uma relação mais íntima que deveria naturalmente.

Estes números divulgados no país sob estrela envolta de cor de króvi e suas benesses sociais me lembram quando caminho pelas ruas geladas do sul, os condicionamentos aplicados ao nosso jovem drugui Alex sob bandeiras antagônicas de dentro da política da época e da nossa. Tudo cheira a cidade ainda não visitada de Morus (parei na sua entrada), mas que o cheiro já chega até nós, onde o sonho vestindo boina e adereços como charuto e barba tem seu destaque no mundo catalogado como terceiro de cima para baixo e da direita para a esquerda, o que não acompanha nossa forma de escrita e não parece deixar muito distante a ideia de que em breve os bombeiros possam lançar chamas sobre nossos livros levando em conta a quantidade de subgrupos que vem cerceando a liberdade dos subgrupos rivais ou em muitos casos, da maioria, visto que colocar-se como minoria é criar um monstro para poder lutar e dar sentido a sua vida. O monstro, porém, dorme e numa hibernação milenar aguarda o juízo final.

Enquanto o Salvador não vem, ou a salvação do Nada simplesmente, os rabos e as cabeças vão brotando aqui e acolá, os chifres no meio da cara, os policiais muito ao estilo unilateral exercem “seus deveres” não sobre

assassinos e ladrões, sendo estes filhos da grande rainha vermelha, mas sobre artistas, sobre inofensivos e raquíticos artistas que não possuem trabalhos patrocinados por leis de incentivo, já que só se incentiva quem incentiva o bolso do incentivador.

Falar bem é algo que convém a uma rima com “amém”, mas e o indivíduo quando decide ser indivíduo, não seria esta a verdadeira e a expressão máxima de minoria? Mas só vale quando dois ou mais estiverem reunidos em nome de algo/alguém e que tenham criado para este algo/alguém uma bandeira, um signo com cores representativas? Quem é verdadeiramente o indivíduo sob a constituição federal de mil novecentos de oitenta e oito? Será que já se passaram quatro anos? Os ciclos contemporâneos, com suas copas, olimpíadas, e eleições e repetições saltando por gêneros e os assuntos vestidos no auge da moda, tudo muito horrorshow para ficar esperando tão somente perto desta árvore seca, pois a mesma nunca deu frutos como aquela do jardim para nos libertar pelo conhecimento; o nosso grande objetivo agora parece ser este, buscar uma árvore com frutos que nos tirem deste marasmo do Éden latino-americano.

Do livro “Crônica da filosofia brasileira – pós-modernidade, metafísica e estética no cotidiano”, 2014, Edição do Autor.

Flores amarelas

Munique Duarte

Debruçados em meia parede de concreto, vemos lá embaixo flores amarelas como se fossem girassóis miúdos. Abelhas enormes as sobrevoam e, observando o pôr do sol no horizonte, falávamos de morte. A luz amarelada, acompanhada das flores vangoghianas, nos estalava vida diante de nossos narizes. Mas falávamos dos mortos. Lembrávamos dos mortos. Todos se vão sem levar um alfinete de suas gavetas. O sol nasce no dia seguinte a despeito dos mortos. Já é outono e tiramos aquela tarde para falar dos mortos, com o coração revirado e os olhos secos. Lembranças sem dramas. Porque não gostamos de chorar o inevitável.

Na estação seguinte, as flores amarelas murcharão da noite para o dia. Parecem que são tocadas por forças malignas. Tornam-se galhos marrons retorcidos. As abelhas fogem. O verde à volta dos bambuzais dá adeus. As flores selvagens somem. Talvez apareçam meses depois. Mas durante a morte da estação, preferimos falar de vida, para compensar o calor morno das vísceras do sol. Os mortos permaneceriam enterrados por um tempo.

Sempre tivemos medo de abelhas e seus ferrões. Suas toxinas fatais. Observamos seu trabalho do alto da meia parede de concreto, nossa fortaleza. Nossas vozes sobre a morte não as alcançariam. Abelhas se entregam ao fim da vida com facilidade. Mas isso não é verdadeiro para nós. Quando as vozes se calam, seus zumbidos ressoam.

Às cinco e meia, o sol se põe no outono e enegrece o amarelado das pétalas. Algumas abelhas já se foram. Os mortos se foram há muito tempo. Na língua resta um salobro de quem fala sobre quem não voltará mais. No dia seguinte, talvez voltemos à meia parede de concreto para observar o tempo. Porque embora as flores murchem, nossos olhos permanecem secos e nossos corações revirados de lembranças. Ainda que as flores murchem, o sol sempre estará diante de nossos narizes, estalando vida. Sobre a meia parede de concreto, conversaremos nossos segredos. As abelhas nunca nos entenderão.



Gilberto Marques

Fabio Breinack

Transformação

Lucero pegou na mão de Fiorenzo e levou-o para cima das cataratas. Fiorenzo flutuava de felicidade, esse era o dia mais feliz da sua vida, nunca esquecerá esse dia.

*“elevado em minha mente
me segure se eu cair”*

Lucero prometerá nunca deixá-lo cair.
A vista de cima era esplêndida. As águas, o esplendor do céu, o sol refletido...
Fiorenzo sentia-se poético e infinito. Mesmo se o céu caísse sobre eles, morreria gritando felicidade.

Lucero fechou os olhos por um breve momento.

*“não olhe para baixo
Temos medo de altura”*

Depois os abriu e os enterrou dentro dos olhos de Fiorenzo. Havia um brilho estranho no castanho mais lindo que Fiorenzo já tinha visto.

Lucero soltou da mão de Fiorenzo e o empurrou. Uma dor enorme tomou conta do peito de Fiorenzo e ele caiu sobre as águas rasas, perto das pedras, de face para cima. Um tom leve de vermelho misturava-se na água transparente ao redor do seu corpo. Fiorenzo boiava e olhava horrorizado para Lucero acima. Ele lia seu pensamento.

“desculpa desapontar você...”

Lucero não queria o ver.

*“o que houve com as promessas que você fez
Antes que a correnteza leve-me?”*

A água estava clara. A situação estava muito clara. Algo estava se transformando. O anjo Lucero se transformava num demônio. E o arcanjo Fiorenzo diluía-se na água, como sal. A correnteza o levava. E ele continuava sangrando.

E Lucero não queria vê-lo. Mas ainda prometeu:

“Entre todas arquiteturas e religiões eu ainda vou preferir você!”

A temperatura de Fiorenzo vai baixando lentamente. A pulsação de Fiorenzo vai diminuindo até cessar... É então que Lucero percebe que Fiorenzo está o tempo todo do seu lado.

Toda Letra
CONSULTORIA EM LINGUAGEM PORTUGUESA

Revisão de TCC's,
Monografias,
Dissertações
e Teses

www.todalettra.com.br
@todalettra_
facebook.com.br/todalettra
contato@todalettra.com.br

CALCEAKI
CALÇADOS & ESPORTES

Avenida Victor Ferreira do Amaral, 342 - Centro -
Araucária. Fone: (41)3642-1622

O pássaro azul do rei da cidade de pedra

Costa Neto



Gilberto Marques

Certo dia, o céu de Anfbia acordou escuro e o velho de barbas brancas saiu gritando às ruas que aquele mundo tinha chegado ao fim. No palácio, as cortinas de fina seda chinesa não balançavam ao vento porque o vento tinha se fechado em casa, triste. Os pavões do jardim pareciam chorar e nada os consolava. Nem mesmo as pedras preciosas dos muros do palácio guardavam a cor original, pois as lembranças de seus respectivos países de origem haviam sumido bem lá no fundo de cada uma. Assim, os desenhos de tigres e de dançarinas das paredes reais perderam o fulgor, e em vez da dança ou da caça tinha-se a impressão de que representavam um cortejo fúnebre. Os cavalos imperiais, trazidos de navio pelo grande mar, se recusaram a comer e mantinham baixas as cabeças, em sinal de reverência. Seu domador não conseguiu tirá-los do torpor nem com torrões de açúcar nem com folhas fresquinhas de alface. O grande imperador tinha ido viver em outro lugar, no campo dos grandes homens, onde estão os heróis gregos e os cavaleiros medievais, os guerreiros zulus e os grandes mestres samurais.

...

Lilo tomou Ana pela mão e disse para ela parar de ser burra! Era engraçada essa expressão “parar de ser burra”. Como podia parar de ser um animal se primeiro não era animal, o que então tornava mais absurdo ainda o irmão insistir para ela parar de ser burra. E depois, se fosse um animal, como deixaria de ser esse mesmo animal, uma burra, a mulher do burro? Depois ainda, o nome certo era “burra” mesmo? Quando ele estava muito bravo, mas muito bravo mesmo, dizia para ela que ela era uma “burra empacada”. Ela não sabia o que era “empacada” e ficava olhando para ele com “cara de tacho”, expressão que o primeiro-pai já tinha ensinado o que era e assim ficava mais fácil, até porque ela sabia o quanto o irmão odiava a cara de tacho, talvez mais do que a situação de uma burra empacada. Tinha vergonha de perguntar e o novo-pai não era chegado a muitas explicações. Talvez perguntasse para a tia-da-escola, se bem que ela também não parecia gostar de explicar coisas.

Certo dia a menina-loira-de-trança-de-dente-quebrado perguntara por que o pipi dos homens é para fora e não para dentro e a tia-da-escola chamou a tia-da-sala-debaixo-da-escada, que veio com os óculos grandes

conversar com a menina-loira-de-trança-de-dente-quebrado longamente. Então, Lilo tomou Ana pela mão, abriu o laptop, espetou um cabo na tela grande da mesa do primeiro-pai e mostrou o mapa da terra. Como era bom ouvir essa expressão: MAPA DA TERRA. Ela não conseguia falar isso nas aulas de inglês, porque em inglês tudo parecia um suspiro ou um assovio – Earth – e MAPA DA TERRA parecia ser o mapa mesmo, ele mesmo aberto e grande, azul e marrom, mas não só de terra porque tanta água havia, mas um mapa enorme, com os duzentos países que o irmão disse que existiam. Ele apontou com o dedo a Arábia e disse que Sherazade não tinha vivido “aqui”. Sherazade tinha vivido “aqui”, e mostrou a Índia. “Aqui, bem ao norte!”. Ela não sabia a diferença, ainda, de norte e de sul, embora houvesse uma bússola no escritório, que o primeiro-pai deixara. “Quando se fala em ‘Mil e uma noites’, na verdade se fala desse lugar aqui, ó, sua burrinha linda, e não daqui, ó, desse lugar aqui. É só uma confusão feita ao longo dos anos.” “Tá”, Ana respondia, quando queria paralisar uma discussão, torcendo a boca de lado. “Tá” e, já que mesmo perdendo tinha orgulho, voltava ao universo de Anfíbia. “E não se pode colocar na mesma história o cavaleiro medieval e o guerreiro zulu, já expliquei.” Mas Lilo era bom porque deixava que ela brincasse com seus homenzinhos guerreiros e ainda emprestava para ela o castelo, os tanques de guerra (que ela não usava muito, a não ser como carruagens) e os cavalinhos. Quando Lilo não estava por perto, era bom juntar os guerreiros zulus com a princesa do reino das águas, Anfíbia. Tudo dava muito certo.

...

A imperatriz Ko-Ih-Noor seguiu a voz dos conselheiros reais e apareceu na sacada de uma das torres do palácio e soltou um lenço muito fino, azul. Se alguém o visse, teria pensado num pássaro, porque ele foi voando em direção ao oeste, como batesse asas. O pássaro-lenço muito raro voou depressa, e esse gesto da bela moça fez o vento voltar. Era uma tradição. As pessoas nas ruas continuaram a marcha diária, a carroça voltou a mexer, os cavalos imperiais voltaram a comer e água começou a borbulhar no fundo do poço, fresca e boa. Desde a época de Dinarzade, a irmã de Sherazade, isso acontecia. Ko-Ih-Noor era neta da neta da neta da neta de Dinarzade. Se um imperador morresse, a imperatriz viúva deveria escolher um novo marido, para que os filhos não ficassem sem pai e para que o reino tivesse um protetor. Não que a imperatriz sozinha não desse conta ela mesma, mas em dois seria mais fácil. E se tratava de uma tradição, ponto.

...

O irmão disse que naquele reino de Anfíbia não podia haver uma imperatriz e sim uma sultana, talvez. Desistiu de explicar a diferença de “imperatriz” para “rainha” e ainda de “rainha” para “sultana”, até porque também não sabia isso muito bem. Procuraram na internet e decidiram que iam esperar que o colégio desse conta disso nas aulas de História. Já andavam aprendendo a importância da espera.

O primeiro-pai contava-lhe histórias, tomando Ana pela mão e levando-a à cama em forma de barco. Ela lembrava dos pelinhos clarinhos da mão dele, uma mão de gigante, mas doce, com as unhas sempre cortadas. A história de que ela mais gostava era da rainha do Da-ho-

mé, cuja cabeça ganhara uma cópia em bronze. Ela tinha sido uma das mulheres mais lindas de toda a história: mais linda que a rainha de Sabá, mais linda que Cleópatra, mais linda que Rita Rayworth, mas essa mulher ele pedia que não fosse mencionada para não criar nenhuma crise familiar. O pai lhe contava histórias da Bíblia, de Sherahazade, cujo nome ele declinava com sotaque árabe, de mitos gregos e ainda histórias de onças tão grandes que as trenas da casa uma vez abertas seriam curtas demais para mostrar, do pássaro azul que plantava araucárias como semeasse monstros bons, de braços sempre abertos para receber as pessoas, do deus Tupã que fez Vila Velha e que era tão alto que usava a taça de pedra para beber água.

...

A imperatriz-sultana-rainha, então, decidiu que teria um novo companheiro, mas desde que este trouxesse o mais lindo presente, que contasse a mais bela história e que ouvisse o chamado de um tambor. Ocorre que ninguém no mundo podia ouvir esse chamado, pois ela mandou construir um tambor de seda, cujo som era algo tão baixinho, tão calado, como fosse o grito de um inseto invisível – ou de uma alma, mas isso só serve aqui de comparação – que ninguém poderia escutar. Na verdade, a rainha-sultana-imperatriz amava tanto o marido, que tinha ido morar na terra dos grandes guerreiros, que não conseguia se ver casada com outro homem.

Mesmo assim, começou a receber pretendentes de todo o mundo conhecido e de outros lugares não conhecidos. A notícia se espalhou como um eco num cânion, tal era a beleza, a delicadeza e a bondade de Ko-Ih-Noor. Assim, nos meses seguintes, a cidade de Anfíbia foi o destino de muitos mensageiros que iam pedir permissão para armarem as tendas de príncipes, monarcas, imperadores, e outros nomes que Ana ainda não aprendera, como é o caso de “xá”, nos arredores da cidade. A rainha recebia a todos, não sem certa curiosidade, mas mais por bondade e pela tradição de Anfíbia: a de sempre receber bem as pessoas. Da janela de seu quarto feito com mosaicos em azul, ela via os grandes tecidos esticados das tendas, alguns dourados, outros negros, outros coloridos, e fumaça de banquetes e poeira levantada por animais, e homenzinhos correndo daqui para ali e isso tudo era bonito de ver.

O primeiro candidato trouxe elefantes decorados com joias douradas, os quais fez se ajoelharem perante Ko-Ih-Noor. Disse ele que não haveria no mundo presentes mais preciosos que aqueles animais, que o grande

defenestrando
música e outras aventuras

**agora maior, melhor
e bem mais crocante**

leia:
defenestrando.com

Alexandre temera muitos séculos antes. Contou a ela uma linda história de conquistas. Disse que era o maior general do mundo e que poderia vencer qualquer povo, de qualquer lugar, fizesse dia ou noite, neve ou sol escaldante. Se juntassem forças, dominariam o mundo. A rainha então chamou-o aos aposentos preparados para tal fim e pediu que o candidato descrevesse o som emitido pelo tambor que ela passou a tocar. O jovem e forte príncipe cofiou as barbas negras e perfumadas, pensou um instante e, de olhos marejados, disse que nada ouvia. A rainha-imperatriz-sultana agradeceu sua presença, disse-lhe as palavras mais doces que o maior poeta de Anfíbia não poderia ter criado e o jovem saiu, não antes de juntar ambas as mãos em sinal de prece e fazer uma longa reverência.

O segundo candidato veio da China e trouxe camelos mongóis, iaques, peles de toda sorte, pérolas negras, sedas bordadas a ouro, cães de Fó em jade branco e dragões fundidos em bronze, ocos, que ao ser tocados emitiam uma música como cantassem. Antes de entrar, fez um espetáculo com fogos de artifício e dançarinas meninas, que se contorciam como serpentes. Disse que não tinha apenas uma história para contar, mas muitas. Era velho e já tinha visto de tudo: todos os mares do mundo, um habitante de cada recanto da Terra, um exemplo de cada animal vivente. Disse que seus médicos podiam curar qualquer doença e que seu palácio era tão grande quanto um país e que Ko-Ih-Noor ocuparia um dos 365 quartos do palácio, e poderia usufruir de 365 escravas e 365 gavetas com joias de tantas pedras quanto houvesse pedras no mundo. Contou a história de uma guerreira mulher, Mu Lan, que conseguira salvar seu povo do domínio inimigo, que durou mais de 100 anos. Chamado ao quarto do tambor, o homem também não conseguiu ouvir o instrumento, mas disse que poderia mandar construir quantos tambores Ko-Ih-Noor quisesse, e que ela poderia tocar a canção que quisesse na língua que quisesse, desde as extintas até as que um dia existiriam. Ao ouvir delicadamente que a linda mulher não precisava disso, o homem velho disse então que destruiria, que apagaria a cidade de Anfíbia do mapa e da História. Ko-Ih-Noor lhe pediu a graça de um castigo melhor: que poupasse a cidade e que a deixasse sem a glória das grandezas daquele homem, para que sofresse amargurada o resto de sua vida. E o homem se foi, não antes de arrancar seu colar de pérolas e jogá-lo ao chão, em sinal de luto. Ko-Ih-Noor era uma mulher inteligente, versada em poesia e em estratégia.

E assim vieram o terceiro, o quarto, o quinto pretendente. Surgiu um rei africano, que trouxe zebras e marfim, pássaros coloridos e um rinoceronte branco e que lhe disse ser o homem mais lindo que a humanidade já vira. Mas ele guardava o rosto por detrás de um lenço decorado com búzios, porque contou que quem visse seu rosto de frente enlouqueceria com tanta beleza. Ko-Ih-Noor riu-se um pouco disso, porque a história lhe pareceu uma bravata, e disse ao belo rei que não seria necessário contar história alguma. Porém o homem insistiu e contou-lhe a história mais linda de todas: a da origem do homem, o que fez a viúva chorar numa mistura de felicidade e de emoção. Porém, delicadamente, declinou o pedido desse exímio contador de histórias porque, embora tivesse gostado dele,

teria medo de que sua vaidade corrompesse os jovens de Anfíbia. Sequer chamou-o para ouvir o tambor.

...

Ana procurou Lilo para saber se poderia colocar na mesma história um cavalo e um elefante. Ele disse, reticente, que sim, embora nem todas as regiões do mundo tivessem cavalos e elefantes, juntos, vivendo em harmonia. Mas na verdade, Lilo percebeu que Ana queria falar sobre outra coisa. Ela ficou rodeando e acabou por perguntar se um dia acharia o primeiro-pai. Lilo não entendeu a pergunta e quis saber o que ela queria dizer com “achar”. Ana tinha ouvido alguém dizer que ela “tinha perdido o pai”. Se tinha perdido o pai como um dia perdera uma lancheira xadrez, então isso queria dizer que podia achar o primeiro-pai, até porque a lancheira tinha sido encontrada. Lilo lhe explicou que agora o segundo-pai era o pai e que assim seria para sempre. Ana não respondeu.

...

Ko-Ih-Noor amanheceu triste após a partida do rei africano. Por um lado, sabia que não encontraria um pretendente à altura das tarefas e isso a deixava tranquila, uma vez que sabia que jamais encontraria alguém à altura do esposo falecido. No entanto, ao olhar para os filhos crescendo sem pai, ficava preocupada. Então, nesse mesmo dia, recebeu a notícia de um homem que procurava por ela. Vinha com apenas um servo. As aias do palácio lhe disseram que era um jovem muito bonito e que seu servo trazia uma gaiola coberta, com um animal talvez. Os conselheiros do palácio tentaram dissuadi-la de receber um forasteiro sem posses, mas Ko-Ih-Noor ficou curiosa. O que aquele homem teria para ela?

Recebeu-o com as mesmas honras com as quais teria recebido qualquer outro monarca. Ele se apresentou como morador da Cidade de Pedra. Trazia para ela, como presentes, um grão de areia, um livro e uma ampulheta. Os conselheiros balançaram a cabeça, alguns indignados com a ousadia, outros rindo do absurdo. A imperatriz-sultana-rainha perguntou pelo que significavam tais presentes e ele explicou: o grão de areia guardava todos os segredos do mundo a serem revelados.

E ficou em silêncio. Ko-Ih-Noor entendeu o jogo e perguntou pelo livro. Ele estendeu-o fechado. Uma aia foi até ele, tomou-o delicadamente e abriu-o. Voltou os olhos para a rainha e disse: “Está vazio; não tem nada escrito!”. “Este livro – explicou o jovem peregrino – contém todas as



histórias a serem escritas”. “E esta ampulheta representa o tempo?”, perguntou Ko-Ih-Noor. O jovem tomou a ampulheta de seu servo, jogou-a no chão, despedaçando-a, e disse: “Com todo o respeito, grande dama, esta ampulheta quebrada simboliza o agora, que contém cada partícula do futuro, é o lugar onde começa uma nova história”. “Falando em história – disse um dos anciãos conselheiros – cremos que já é hora de contar a sua história, já que seus presentes são uma ofensa, no mínimo.” O jovem pediu a gaiola ao criado e levantou o tecido que a cobria. Todos viram estupefatos um pássaro azul, da mesma cor que o lenço que a rainha atirara do alto do palácio. E começou a história:

Há muitos séculos recebemos na cidade de pedra a visita de um pássaro azul. De tempos em tempos, ele surge trazendo sementes na boca. Ele mesmo planta tais sementes, que germinam, fazendo crescer árvores maiores que os palácios, que estendem seus braços para todas as direções da rosa dos ventos. Em tempos de fome, as árvores nos alimentam, porque com seu fruto fazemos uma comida que os antigos chamavam “farinha de pedra”. Com sua madeira, podemos construir barcos, casas e pontes e com seus galhos caídos aquecemos nos no inverno. Na região dessas árvores-mãe, nasceram nossos pais ancestrais, o casal que mais se amou na terra, de maneira tão forte e ardente, tão bela e pura, que o deus dos antigos, chamado Nhanderu, enternecido, fez surgir uma cidade de pedra, com animais e objetos, para que pudéssemos viver em paz e em harmonia. Este pássaro que trago agora mostrou-nos, pela primeira vez, o caminho de volta e decidi vir até aqui e jogar-me aos vossos pés. Creio que trago-o, pela primeira vez, de volta ao lar.

...

Certo dia a mãe de Ana chamou os filhos para dizer que se casaria de novo. Disse a eles que tinha encontrado um homem muito bom, com nobre coração, e com um dom especial: amava crianças. Disse-lhes ainda que sabia perfeitamente que o homem não substituiria o pai deles, mas pediu que tivessem paciência, que aprendessem a amá-lo como ele também deveria aprender que amá-los era mais do que uma necessidade. Essa noite não teve histórias, só uma sombra enorme no quarto de cada um. Ana levantou-se de noite e foi dormir na cama do irmão, que não tinha palavras.

...

Ko-Ih-Noor fez um gesto que pedia paciência a seus conselheiros e sugeriu

que o jovem peregrino fosse encaminhado aos aposentos do tambor de seda. Lá, tocou o instrumento e perguntou ao jovem o que ele ouvia. “Minha bela dama – disse ele – venho de longe, de muito longe, porque lá de minha terra, da terra desse pássaro azul que planta árvores gigantes, da terra da cidade de pedra feita por um deus ancestral, eu ouvi o silêncio de seu coração”.

...

Certo dia o sorriso de Ana se apagou. Parecia uma vela que tivesse brilhado muito tempo até que a cera derretesse por completo. Nada a fazia sorrir: nem os cavalinhos de Lilo, nem os tijolinhos de madeira vermelhos e azuis, nem as pantomimas do novo-pai, nem um prato de brigadeiro quente, para comer de colher. Quando via sua mãe abraçada ao segundo-pai, sentia algo estranho, que não sabia explicar. Às vezes, eles a abraçavam juntos, e a levavam para a cama. Faziam cócegas nela e sopravam sua barriga, fazendo tremer as bochechas deles mesmos e produzindo um barulho engraçado. Ela ria, mas não sorria. Faltava aquela mão grande e boa, com pelinhos, que a levava para contar histórias. Faltava alguma coisa.

...

Ko-Ih-Noor viu esperança nos olhos do rapaz. Sabia que nenhuma riqueza seria maior do que a dele. Entendeu – e isso clamava dentro de si, mas nunca tinha sido verbalizado – que não precisava de exércitos de elefantes, de riquezas materiais e de beleza. Precisava de compreensão e de aliar-se a alguém que entendesse o futuro como uma série de possibilidades e não de certezas.

...

Certo dia Ana sentiu a mão de alguém em seu ombro e não virou para ver quem era, só dizendo que estava naquele momento com cara de tacho e que não queria falar com Lilo. Mas era o segundo-pai que veio falar com ela. Ela se virou e viu que ele estendia os braços em forma de araucária. Perguntou se ela sabia que o nome dela era um palíndromo. “Pamíndrono?” Não: palíndromo! “Palím-modro?!” Não: pa-lím-dro-mo! “Paníndrulo?” Não: palíndromo! Vamos escrever a palavra? E foram ao computador do primeiro-pai escrever “palíndromo”. Era a primeira vez que ele utilizava o escritório do primeiro-pai, e antes perguntou a ela se ela se importava. Ele escreveu o nome dela bem grande na tela do computador e mostrou a ela seu nome de traz para frente. Ela viu que ele tinha pelinhos também na mão de gigante e que ele era doce como um monstro bom, que tem sempre os braços abertos para receber a gente. Depois escreveu a frase “olé maracujá caju caramelo” e depois o palíndromo mais bacana de todos, que era: “socorram-me, subi no ônibus em Marrocos”, o que fez Ana bater palmas sorridente. Fazia muito tempo que Ana não batia palmas. O segundo-pai, então, perguntou: “Você conhece a história dos pombos que fundam uma cidade?” Ela respondeu: “Essa não”, e sorriu pela primeira vez em muitos meses.

...

Só então o jovem estrangeiro revelou que era um rei, Ak-Va, rei da cidade de Pedra. Não foi necessário Ko-Ih-Noor convencer seus conselheiros de que tinha encontrado o companheiro perfeito. E Ana e seu segundo-pai foram felizes... até que a cidade de Anfíbia fosse sitiada um dia... mas isso é outra história.



Se até os passarinhos se amam...

Mandi Coelho

É possível que o silêncio da manhã me encha de vontade de gritar. Permaneço, no entanto, estática na cama. Permaneço imóvel, protegida por três cobertas e pela névoa. Névoa da manhã-nublada-em-si que rodeia as cortinas, a roupa molhada dentro da máquina há mais de uma semana, a mistura de chá para tosse.

Levantar, colocar água pra ferver, recortar imagens com esmero e não desleixo, vestir uma meia. Seria um começo. Suportar o gato lambendo minha cara, seria um começo. O toque alheio ainda me enche de arrepio. Pedir desculpas, manter meu coração do tamanho do mundo, lavar os tapetes e também o rosto, as olheiras, o cabelo com cheiro de gente e mágoas.

Pergunto-me, porém, como seria afundar as botas em terra e lama todas as noites. Ou como seria pensar as palavras e não dizê-las. Ou dizê-las, mas não pensá-las. E o que é pior, calar frente a teu olhar e riso indecifráveis – pois que me ferem mais do que o que diz – ou sucumbir à torrente de amor que às vezes sinto e inunda o peito. Sucumbir mesmo ao ódio de reconhecer em mim as tuas falhas.

Pupila negra envolta em amarelo que me encara. Essa noite sonhei que revirava com uma pá toneladas de flores de camomila e sementes-de-girassol. Daqui a pouco você vem, revira também os olhos, compactua com o mistério, mas de repente explode em 14 palavras: "Se até os passarinhos se amam, por quê a gente não pode se amar?"

Acontece que escolho me calar. Pensar mas não dizer. Durmo com o seu casaco, mas logo cedo o gato vem, sobe na cama, escala até meu cabelo, deixa um rastro em pelos brancos. Desta forma, pouco a pouco se esvai a mágica e o gozo secreto de algo que tocou a sua pele tocar agora

somente a minha. Frente a isso – o leve desaparecimento de tua presença – eu me calo, não me mexo, não me movo.

Sinto como se tivesse ficado presa na idade do lápis. A época da vida em que se é criança e as professoras só me deixam escrever na agenda a lápis. Caneta é para os adultos. Pensar mas não dizer é um eterno escrever, apagar com a borracha, escrever de novo. Bonito o mundo em que se pode concertar o erro, mas não fazer nada em definitivo.

Escuto a sua voz no andar de cima e é como um prolongamento do sonho. Mal respiro. Estralar os dedos, aqui embaixo, seria como admitir a culpa. A simples ideia de sussurrar algo me entregaria. Permaneço aqui, com frio, com arrependimento, com saudade de toque ou afago que tivesse algo de seu. Permaneço no mundo da minha cabeça em que o gato não existe, eu rego a muda de manjerição e a tulipa, a geladeira é farta e o chão não tem pó.

A vida começa cedo com a tua ausência, pois que não existe antes e nem depois, apenas o eterno instante. Eu me calo e aos poucos morro – à proporção que a ruga da sua boca aumenta. Eu me calo. Eu me calo. Porque te amo, eu me calo em busca de um dia dizer as palavras certas.

Porque te amo, escrevo a lápis. Nossas peles, porém, dialogam em outro idioma. Em 14 partes, de novo, você diz: "Gosto de tocar a sua pele. É como se ela respondesse. A minha também". E com mais 4 partes, somando 18, você completa: "É como se conversassem".

Dezoito é o número cabalístico, que soma duas partes iguais de 9, e que me faz querer escrever de caneta na agenda. Porque eu te amo.



Gilberto Marques

VISLUMBRES DA FESTA PAGÃ NA ALDEIA DE ALDEBARÃ

Márcio Davie Claudino

1 A chuva adentro na noite.
Noite ainda, no quintal
quem assiste no orvalho noturno das folhas
o espetáculo fescenino dos besouros sobre boninas?

2 A festa no terreiro, a aldeia dos sapos
e a cópula incendiada sob as estrelas - entredevoradas.
Fresta para Aldebarã, a aldeia dos pagãos.
Uma noite incendiada de estrelas vermelhas.

3 A chuva adentra a noite
a terra amanhece fofa e molhada.
Sentado à beira de minha cova
penso as palavras lapidares.

4 Ela chega. Suas unhas um fogo carmesim.
Deslinda um século o sorriso lesbos,
a serpente enrodilhada na coluna vertebral
desliza para cima e para baixo em meneios.

5 A sacerdotisa da celebração
dança com fogos-fátuos,
descreve círculos no ar, maneja arcos armados
para cada coração distribui certa seta.

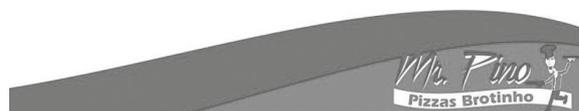
6 Ela é o vermelho da blusa
o romavali luzente do ventre
os cabelos molhados, musa e medusa
cruza de Messalina e Maomé.

(Acocorado adormecido à beira do rio medievo
sonhei com meus mil anos de crédito)

7 Deus brinca.
O tempo é o seu brinquedo.
A chuva é dos olhos de deus um sinal.
Quem assiste as sombras no quintal?

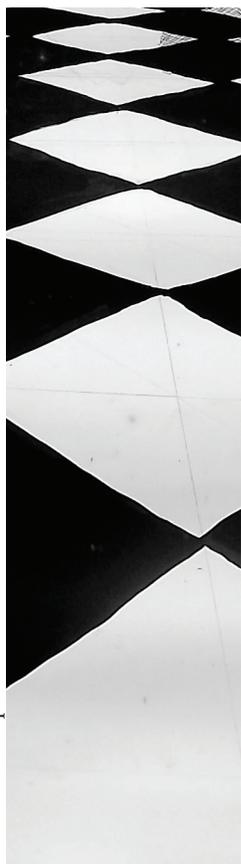


pizza mini, SUPER sabor...



Renato
Ostrowski

NECROPSIA



Gilberto Marques

“De que são feitos os escritores?”
Janáina Moraes

É como diz o escritor Rodrigo Madeira quando tomamos “mais uma de muitas porradas pedagógicas”. Pois foi o que senti ao ler a frase encerrada no subtítulo do presente ensaio.

Digamos que algum médico, realmente louco, se interesse em fazer uma necropsia em todos os escritores mortos. O que encontraria? Quando chegasse ao fígado de um Hemingway, por exemplo, acharia tal órgão à beira de uma cirrose hepática. Fosse um Pessoa, três corações, um para cada heterônimo; em Saint Exupéry, uma alma de criança que sempre se negou a se tornar adulta. Ao dissecar o pulmão de Clarice Lispector, em meio à fumaça, a definição correta da palavra “epifania”; em Serguei Iessienin, chegando ao estômago, o poema suicida original e, por respeito à amizade dos dois, o bisturi ainda molhado do imagismo russo, chega à língua de Maiakóvski, que ousa declarar não ter se suicidado.

Ao chegar no diafragma de Castro Alves, algumas cartas elogiosas de Machado e Alencar; em Cruz e Sousa, uma vesícula biliar cheia de amargura em forma de cruz e a carta de recusa como promotor de Laguna por ser negro. De Leminski, um pedaço de espada samurai cravada no ventrículo esquerdo e, no direito, o haicai mais querido de Bashô:

“Doente da viagem,
Meus sonhos perambulam
Pelo campo seco.”

Em Dostoiévski, algo pesado impedia o bisturi de abrir o coração. Era a palavra *vdrug* (de repente) e a declaração marmorizada de Nietzsche:

“O único psicólogo com que tenho algo a aprender: ele pertence às inesperadas felicidades da minha vida...”

Quando o bisturi tenta abrir o peito de R. V. Ostrowski, só encontra no lugar do coração, uma pedra, um granito rosa, rara composição rochosa, gerada pela grande glaciação ocorrida no hemisfério sul durante a Era Paleozóica, entre 270 e 350 milhões de anos atrás.

Daniel Zanella

Cenas Urbanas

19 de outubro de 2014.

Ouço Silvio chorar no rádio. O Londrina sobe à Terceira Divisão. “A cidade não podia ter um domingo à tarde sem jogo do Londrina.” Ano que vem o clube vai ter calendário no segundo semestre.

Os comentaristas seguem entrevistando Silvio e, ao fundo, se ouvem os fogos de artifícios. Então, acontece aquilo que me parece somente o futebol consegue causar de forma catártica tão genuína: Silvio está chorando e estão todos chorando na rádio também.

*

14 de agosto de 2011.

Ouço o gol de Silvio contra o Nacional de Rolândia, que rendeu o Acesso do time à Primeira Divisão. Do Paranaense. Vejo uma faixa da torcida Ressaca Azul. Pula, sai do chão, a torcida do Azulão.

Um vídeo sempre me comove. Um torcedor grava a expectativa da torcida pelo apito final. É uma expectativa nervosa, cruel, e é assim que tem de ser: seu clube que parecia ir a um abismo sem fim, aos poucos se reergue. Apito final. Os jogadores correm pra torcida e “O Tubarão voltou” explode no setor da Falange Azul. Vejo ali, num cantinho, Silvio, feliz, nos braços dos companheiros de time. Em um momento ele fala sozinho, talvez uns seis segundos, que talvez durem até hoje.

*

Em algum dia de 2003.

Sozinho, num quarto sem janelas de uma pensão de Joinville, leio Nabokov, enquanto ouço, baixinho, a Rádio Atlântida. Aumento um pouco o volume porque está tocando ‘Never Tear Us Apart’ e essa música sempre me faz chorar – talvez apenas me force a chorar, com tudo o que ela me carrega de evocativa, as lembranças de algum sofrimento nunca mensurado.

Hoje treinei mal porque estou escondendo um princípio de lombalgia do fisioterapeuta e estou evitando os giros de pivô, caindo mais à ala para abrir para o meio, diminuindo, assim, a angulação do chute e o desgaste de quadril.

Lembro-me bem que, à tarde, depois de errar um chute por ter pegado muito no meio da bola, lembro-me de parar dois segundos, que talvez durem até hoje, e pensar que me faltou sempre, na vida, maior precisão naquilo que eu sempre fiz do mesmo jeito.

Eu, eu, eu... Estava lá parado... Enfraquecendo...

Cinerário

Ademir
Demarchi

Um poeta das coisas mínimas

Hélio Leites é um artista e poeta incomum. É assim como um Manoel de Barros, o poeta do Pantanal, que gosta mais de observar formigas do que escrever poemas, ainda que depois de ver as formigas andando de um lado para o outro, mais preocupadas com a vida do que ele, vá ao papel e escreve um poema.

Leites nasceu na Lapa e vive em Curitiba e, sendo artista, sempre foi contra ser artista. Em vez de pintar um quadro, de fazer uma exposição em galeria, escolheu fazer pequenas obras e expor num cantinho da feira do Largo da Ordem, em Curitiba, numa barraquinha. Para fazer suas obras, pega caixas de fósforos, lixo, latas, coisas largadas e esquecidas a que ninguém dá valor, todas pequenas, dá um nome, inventa uma estória. Uma caixa de fósforos em suas mãos logo pode virar uma manjedoura com um cristinho dentro, uma estoriuzinha de um homem indo à lua, uma “Nossa Senhora da Luz dentro da caixa de fósforo”.

Já quiseram canonizá-lo como artista, mas ele esperneia e evita. Um dia ofereceram fazer um livro vistoso com suas obras. Não recusou, mas também não se pode dizer que aceitou, pois fez ao seu modo: em vez de um catálogo, fez uma caixinha do tamanho de uma caixa de fósforos e uma sanfona comprida com as fotozinhas de suas obras cabendo todas lá e ele na capa, com um lindo nariz vermelho de palhaço, que é a fantasia com que melhor parece se sentir bem. E deu a esse trabalho o título de “Biografia não autorizada do fogo”. Isso foi em 1994. Em 2002, uma apaixonada por suas obras fez um livro sobre ele, “Pequenas grandezas – Miniaturas de Hélio Leites”. Com isso, se animou, meio que se assumiu mais como artista e acabou fazendo um livro, ao qual deu o nome de “mínimos”, que registra uma boa quantidade de suas obras.

Outra faceta dele, disfarçada por trás do nariz de palhaço e

meio escondida nessas obras que ele faz, é a de que é poeta. Leites foi muito amigo da Helena Kolody, uma poeta tão simpática, uma professora a vida toda, mas tão superlativa como pessoa que todos que a conheceram se encantaram com ela, ainda mais quando ficou velhinha, de cabelos brancos e escrevendo poemas com delicadeza. Leites a homenageou com o poema ‘Canonização de Santa Helena Kolody’: “Pra canonizar pessoas/ É preciso milagres/ Pra canonizar poetas/ Apenas poemas”.

Naquele livro caixa de fósforos de que falei antes, Leites mostrou como gosta de fogo. Fez vários poemas sobre ele: ‘Feliz Aniversário’: “É no bolo que se acende/ Só pra comemorar/ O primeiro fogo na vida/ pra criança apagar”. E outro: ‘Galo’: “Por ser dono do terreiro/ com o rabo ele acende/ o incêndio no galinheiro”. E mais um: ‘Nero’: “Por fósforo tinha paixão/ cada palito que acendia/ ardia um quarteirão”.

Mas Hélio não é só piada, não, pois quando diminui o riso e põe o siso aparece coisa assim: “Vou nascendo sempre/ é só pintar uma chance”. Não demora, vira passarinho: ‘Ninho’: “Minha especialidade em morada/ é beira de abismo/ extremo de rama/ forquilhas do céu/ frágil é ali que me edifico/ em pena e palha/ tênue/ parede que me separa da lua/ frágil vivo pelo prazer e desafio/ de reconstruir-me/ após cada temporal”. Ou peixe, num cardume de eus: ‘Cardume’: “Quando eu desperto/ desperta um outro dentro de mim/ que por sua vez desperta outro/ e esse a tantos outros/ como se fosse um cardume/ por isso eu navego assim/ São tantos e tão diferentes/ cantando dentro de mim”.

Deve ser por isso que gosta de viver fantasiado, pra esconder esses tantos eus que ficam debaixo daquele nariz vermelho de palhaço.

Daniel Osiecki Terra Incógnita

A capital dos efêmeros

Certa vez, ainda durante a graduação, um professor afirmou que Curitiba era a capital dos contistas. Muito devido a Dalton, pois o vampiro era e continua sendo um mestre que influencia e habita o imaginário coletivo da província. Mas o professor também atribuía aos novatos, baseado em suas leituras de contistas mais novos, certo medo de se aventurarem na narrativa mais longa.

Discordando um tanto do professor, me deparo com frequência com contistas que não parecem, de forma alguma, serem temerosos em partir para narrativas mais longas, densas ou complexas, mesmo porque narrativa longa não é sinônimo de densidade ou complexidade. Vários dos bons contistas curitibanos (ou que produzem aqui) se aventuram nesse gênero ingrato por terem certo domínio da técnica da narrativa mais concisa. Bons exemplos de uma safra nova e muitíssimo competente de contistas são nomes como Rui Werneck de Capistrano, ReNato Bittencourt Gomes, Paulo Sandrini, Severo Brudzinski e Homero Gomes.

Naturalmente, às vezes criamos expectativas demais e nos decepcionamos com alguns escritores, caso de Márcio Renato dos Santos. Curitiba, nascido em 1974, Márcio Renato dos Santos é jornalista e mestre em Estudos Literários pela UFPR. Publicou seu primeiro trabalho de ficção em 2010, o belo livro de contos “Minda-Au” (Record, 2010. 80 p.) Seu trabalho como contista nesse primeiro livro é bastante interessante, mostra um escritor preocupado com a forma e cuidadoso em não soar pseudo-experimental.

Já em seu livro “Golegolegolegah!” (Travessa dos Editores. 2013, 72 p.), Márcio Renato dos Santos

deixa a desejar. O breve volume é composto por seis contos que são bastante ágeis, o que torna sua leitura fácil, mas enfadonha. Há durante todo o livro uma necessidade de soar como um autor pós-moderno, *nonsense*, o que depõe contra o livro como um todo, pois tudo é muito forçado, engessado, repleto de amarras estilísticas que se perdem no vácuo deixado pelo autor.

No conto ‘Você tem à disposição todas cores, mas pode escolher o azul’, o narrador assume um tom confessional e narra o que vê da maneira que bem entende para um possível interlocutor. Há abertamente a questão da metalinguagem, o que por vezes salva um ou outro fragmento. A coloquialidade é uma constante em vários contos, o que a princípio começa bem, mas depois se torna cansativa e um tanto forçada.

A questão do distanciamento entre as pessoas, da ausência de comunicação na era moderna são motes dos contos como se fossem vozes que permeiam toda a obra. O conto ‘Digital reverb delay’ é um dos bons contos do livro, digno do autor de “Minda-Au”. Nesse texto, o narrador tem consciência de sua limitação como pessoa e de sua impossibilidade em se comunicar.

“Mas, tenho de admitir, o que sempre me deixou calado foi a sensação de que eu nunca tive nem tenho nada a dizer, nem como dizer e, por isso, não precisava falar. Afinal, a gente abre a boca pra dizer as coisas, não é? Como nunca tive nada a dizer, minha opção sempre foi pelo silêncio.” (p.32)

O narrador admite não ter absolutamente nada a falar, e esse nada o representa. Há um embate existencial bastante significativo nesse conto.

O conto que segue, ‘Nevoeiro’, é o mais relevante do livro. Há a constatação do narrador de encontrar-se consigo próprio em todo lugar. A questão da empatia aparece aqui como uma espécie de antídoto contra a incomunicabilidade entre as pessoas. A predominância do plano onírico se sobressai ao plano real, dando a entender que o indivíduo apenas sonha em se comunicar, em sair de sua redoma imaginária, e não age por medo ou por algum motivo qualquer. O narrador diz não saber se sonha ou se de fato aconteceram as ações que narra.

“Também parei de sonhar. O intervalo entre deitar na cama e acordar no dia seguinte era preenchido sabe-se lá com o quê. Eu não tinha mais insônia. Nem sonhos.” (p.48)

A atmosfera onírica confere ao conto uma densidade ainda não experimentada nos contos anteriores. O grau de sugestão (as ações são sugeridas) são bastante relevantes para a composição da narrativa. Os dois últimos contos do volume, ‘Zé Ruela e Cento e noventa’, não se diferenciam muito dos primeiros, ou seja, nada muito relevante na forma, nem no conteúdo, o que, até certo ponto, é um aspecto positivo, pois Márcio Renato dos Santos não é um escritor conteudista.

Um aspecto bastante relevante do livro é seu projeto gráfico, que é belíssimo. Aliás, é praxe da Travessa dos Editores fazer ótimos projetos gráficos. A obra é composta por belas ilustrações de Marciel Conrado. Mesmo que “Golegolegolegah!” apresente mais erros do que acertos, Márcio Renato dos Santos é um dos contistas relevantes da nova geração da literatura brasileira.

não se fazem mais poetas como antigamente
antes um poeta se alistava na guerra da Grécia,
traficava armas na Abissínia
ou era fuzilado numa vala comum em Granada

antes um poeta era sequestrado por corsários
ou tinha a mão esquerda inutilizada
numa batalha pela Itália

hoje poetas participam de mesas literárias
ou da mais nova antologia,
seus feitos heroicos são seus blogs
e os concursos de poesia

antes um poeta ficava cego
servindo ao exército na África
ou era preso por causa de uma briga
e depois exilado na Índia

antes um poeta quando finalmente
voltava para sua terra
perdia seu amor e riquezas,
tudo que ele tinha num naufrágio

hoje entre um e outro plágio
poetas levam uma vida frágil

onde dar uma palestra na universidade
ou ministrar oficinas de poesia
para a fundação cultural de sua cidade
são suas maiores ousadias

não se fazem mais poetas como antigamente
antes a poesia que vazava das veias
era a mesma que se escrevia,
o mesmo azul incendiado num só grito

antes para um poeta
a pele era o melhor papiro,
sua vida mal cabia num manuscrito

hoje um poeta é apenas isso:
uma música medíocre,
um silêncio pálido e aflito,
um ou outro ruído

e tenho dito

NÃO SE FAZEM MAIS POETAS COMO ANTIGAMENTE

Fernando Koproski



Gilberto Marques

do livro "Retrato do Artista Quando Primavera" (7letras, 2014)